

NANOSSINTAXE DO CONTATO LINGUÍSTICO

LANGUAGE CONTACT NANOSYNTAX

Valdilena Rammé¹

valdilena.ramme@gmail.com

RESUMO: Este artigo apresenta um panorama descritivo das diferentes funções e sentidos que as preposições “em”/“en”, “a” e “para” possuem em distintas variedades do português e do espanhol. Para explicar como essas micro-variações estão sendo licenciadas, lançamos mão do arcabouço teórico nanossintático e exploramos a conjugação de duas f-seq: a hierarquia de Casos e a hierarquia Trajetória>Lugar. Tal amálgama nos permitirá desenhar uma imagem bastante clara de como a hierarquia funcional universal restringe as possíveis variações e mudanças que as línguas sofrem em situação de intenso contato linguístico. A análise se concentra, para tal, em contextos em que as preposições acima aparecem ou deveriam aparecer licenciando complementos direcionais, dativos/beneficiários e locativos. Os resultados da análise comparativa de diferentes variedades do português e do espanhol nos levam a concluir que toda a variação observada pode ser mais regular do que abordagens anteriores nos fizeram crer. Além disso, conjecturamos que, tendo levantado e explicitado os casos de variação já verificados nas línguas sob análise, poderemos tecer hipóteses mais acertadas sobre os fenômenos que são fruto exclusivo do *portunhol*.

PALAVRAS-CHAVE: *portunhol*; fronteira; nanossintaxe; contato entre línguas.

ABSTRACT: This article presents a descriptive overview of the different functions and meanings that the prepositions “em”/“en”, “a” and “para” have in different varieties of Portuguese and Spanish. To explain how these microvariations are being licensed, we use the nanosyntactic theoretical framework and explore the conjugation of two f-seq: the Case hierarchy and the Path>Place hierarchy. Such amalgamation will allow us to draw a very clear picture of how the universal functional hierarchy restricts the possible variations and changes that languages undergo in situations of intense language contact. For this purpose, the analysis focuses on contexts in which the above prepositions appear or should appear, licensing directional, dative/beneficiary and locative complements. The results of the comparative analysis of different varieties of Portuguese and Spanish lead us to conclude that all the observed variation may be more regular than previous approaches would have us believe. Furthermore, we hypothesize that, having raised and explained the cases of variation previously verified in the languages under analysis, we will be able to make more accurate hypotheses about the phenomena that are exclusive of *portunhol*.

KEYWORDS: *portunhol*; boarder; nanosyntax; language contact.

¹ Doutora. Professora na Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA).

... semo da frontera,
neim daquí neim dalí,
no es noso u suelo que pisamo
neim a lingua que falemo.²

INTRODUÇÃO

A experiência de se viver em uma fronteira é atravessada por muitos contatos: entre indivíduos, entre culturas, entre línguas e suas variedades etc. Nesse intenso ambiente de trocas e mesclas, o olhar e os ouvidos do(a) linguista são atraídos naturalmente para as diferentes formas que o contato entre línguas e a comunicação multilíngue podem tomar. Em um contexto em que as línguas em contato são tão próximas quanto o português e o espanhol, as novas formas encontradas podem ser ainda mais enigmáticas, tendo em vista que há sempre uma certa dúvida sobre a possível explicação para a estrutura inovadora: ela pode ser tanto fruto do próprio contato, quanto uma simples manifestação da variação observada na norma geral de uma das línguas utilizadas.

No trecho do poema de Fabián Severo que vemos na epígrafe acima, temos a tradução do sentimento fronteiro: o de não ser nem daqui, nem dali, de não falar nem esta, nem aquela língua. Esse espaço intermediário que representa o viver em uma fronteira brasileira muitas vezes se materializa em uma espécie de interlíngua que carinhosamente chamamos de portunhol. O portunhol é, assim, fruto de uma mescla ou de uma tentativa de aproximação das línguas portuguesa e espanhola que parece ser tão diversa quanto as pessoas ou os lugares em que ela se realiza.

Dada a alta variabilidade e imprevisibilidade do portunhol, a sua descrição, em um primeiro momento, pode dar a impressão de ser uma tarefa impossível. Assim, para começarmos a tentar descrevê-lo, seja como língua de fronteira ou de contato, seja como interlíngua ou uma forma de translíngua, nos pareceu necessário, antes de mais nada, definir o que não é portunhol. Isto é, muito do que pensávamos classificar como portunhol, em um primeiro momento, acaba se mostrando como uma possibilidade de variação já atestada no espanhol ou no português. Observemos os exemplos³ abaixo:

² Trecho do poema “Treis”, do escritor Fabián Severo (Artigas, Uruguai).

³ Dados coletados de conversas informais ou de redes sociais da UNILA/Foz do Iguaçu.

- (1) Quem (...) deseje mais informações pode **escrever ao número** de whatsapp.
- (2) Yo **dije para** la señora.
- (3) **Vamos en** Ciudad del Este mañana?
- (4) O departamento fica **entre na** avenida Brasil e JK, tem perto lojas...
- (5) Para mais infos y encomendas, **liga nós** que a gente desenrola.

Como veremos na próxima seção, todos os casos aparentemente inusitados acima, trate-se do apagamento de um preposição, ou mesmo do uso direcional de “en”, são fenômenos já descritos tanto para o PB, quanto para o espanhol. Portanto, a tarefa de definir o que não é portunhol, ou seja, o que não é um fenômeno exclusivo do contato entre o português e o espanhol, nos pareceu relativamente mais factível neste primeiro momento da investigação, dado o grande número de pesquisas empíricas e descritivas de diferentes variedades dessas línguas em contato com outras línguas ao redor do globo.

Este artigo se propõe, assim, a apresentar um panorama descritivo das diferentes funções e sentidos que as preposições “em”/“en”, “a” e “para” possuem em distintas variedades do português e do espanhol na África e na América. Nos concentraremos, para isso, em contextos em que essas preposições aparecem ou deveriam aparecer licenciando complementos direcionais, dativos/beneficiários e locativos.

Como é de se esperar, o cenário que se apresentará engloba micro-variações que se expandem ao longo do que Avelar (2017) classificou como um *continuum* que vai desde a língua peninsular, que conserva as formas e usos padrão historicamente associados às proposições aqui analisadas, até variedades que apresentam usos completamente inovadores para esses itens ou que os deletam completamente.

Para explicar essas micro-variações, tencionamos analisar essa paisagem aparentemente caótica com as ferramentas teóricas fornecidas pela Nanossintaxe. Desejamos demonstrar, assim, que, com poucos princípios amplamente aceitos na literatura e independentemente motivados, associados a uma hierarquia funcional universal (a f-seq) construída a partir de uma ontologia de elementos primitivos conceituais jackendoffianos, empiricamente verificados, é possível propor que as diferentes interlínguas que surgem do contato linguístico seriam nada mais que nossa

percepção do descompasso superficial entre diferentes gramáticas do português e do espanhol.

Isto é, tanto o portunhol, quanto variedades periféricas do português e do espanhol podem ser explicados pelo mesmo princípio nanossintático: línguas distintas associam partes diferentes de uma f-seq universal a distintos itens lexicais. Para ilustrar, vamos comparar duas línguas imaginárias que codificam em diferentes itens a sequência de traços semântico-conceituais WXYZ:

(6)	LÍNGUA 1	LÍNGUA 2
	item A: YZ	item A: XYZ
	item B: WX	item B: W

Considerando, agora, que a sintaxe (módulo gerativo) cria estruturas respeitando essa f-seq, ao criar a estrutura abaixo, ambas as línguas fictícias acima usariam dois itens para lexicalizá-la. Esses itens, por sua vez, poderiam ser considerados boas traduções/versões uns dos outros nos dois idiomas:

(7)	Sintaxe: [W[X[Y[Z]]]]	
(8)	LÍNGUA 1	LÍNGUA 2
	[B _{wx} [A _{yz}]]	[B _w [A _{xyz}]]

Ao mesmo tempo, porém, se a sintaxe construir a estrutura com apenas três traços, XYZ, teremos uma configuração de superfície levemente distinta: a língua 1 continuará utilizando dois itens lexicais para lexicalizar a estrutura criada, enquanto que a língua 2 só precisará de um. Vemos esse cenário abaixo:

(9)	Sintaxe: [X[Y[Z]]]	
(10)	LÍNGUA 1	LÍNGUA 2
	[B _x [A _{yz}]]	[A _{xyz}]

Ao se considerar que a sintaxe opera com elementos mais finos que morfemas e palavras, torna-se possível descrever de forma mais nítida, portanto, as muitas micro-variações observadas dentro de uma mesma língua e também translinguisticamente. Essa proposta, além disso, nos possibilita conjecturar com

mais refinamento sobre as mesclas que observamos em interlínguas como o portunhol.

Nessa perspectiva, nossa hipótese seria a de que as estruturas aparente mescladas (como “**vamos en** CdE”) ainda teriam que se submeter à f-seq. Logo, seria sim possível prever quais formas as estruturas interlinguísticas poderiam apresentar, a partir das estruturas nanossitáticas que os itens lexicais das duas línguas-substrato carregam em suas entradas lexicais e a partir das restrições que a f-seq impõe sobre a variação na forma e na ordem dessas estruturas.

Nossa premissa é, portanto, que a Nanossintaxe nos fornece melhores ferramentas para descrever as semelhanças e diferenças formais e semânticas que envolvem a variação de “em”/“en”, “a” e “para”, o que nos permitirá levantar melhores hipóteses sobre as gramáticas do contato linguístico e, futuramente, do portunhol.

Para apresentar essa argumentação, o artigo está organizado da seguinte forma. Na primeira seção, apresentamos o panorama descritivo das preposições “a”, “em”/“en” e “para”, em variedades do português e do espanhol na África, na América e na Europa. Na seção 2, apresentamos algumas das principais propostas da nanossintaxe para a decomposição das categorias P (Preposição) e K (Caso), relacionadas às análises que já foram apresentadas para essas preposições no português brasileiro (PB) e no espanhol europeu (EE). Na seção 3, acionamos essas análises na tentativa de explicar algumas micro-variações observadas no cenário delineado na primeira seção. Por fim, encerramos o artigo tecendo algumas hipóteses sobre o uso de preposições no portunhol.

1 O ESPETÁCULO DAS PREPOSIÇÕES NA PAISAGEM DO PORTUGUÊS E DO ESPANHOL

Antes de entrarmos no campo anárquico das preposições do português e do espanhol, justificaremos, brevemente, a escolha dessa categoria e desses itens para um trabalho que se propõe a investigar o contato linguístico. Quando olhamos para a literatura de línguas em contato, percebemos duas grandes linhas de investigação; por um lado, muitos trabalhos se dedicam a entender as confluências e mesclas que ocorrem no âmbito lexical, e por outro, há uma série de trabalhos que se debruçam

sobre as possíveis mudanças que o contato causa nas gramáticas das línguas implicadas.

Como já mencionado, na pesquisa aqui apresentada, nos interessa observar as micro-variações e micro-mudanças que o contato causa nas gramáticas das línguas envolvidas. Por esse motivo, defendemos acima a Nanossintaxe como a melhor ferramenta de análise. Além disso, tendo em vista que, na Nanossintaxe, os elementos sobre os quais a sintaxe opera são traços primitivos conceituais, é importante lembrar que, para a Semântica Conceitual (Jackendoff, 1983, 1990, 1997, e trabalhos posteriores), nossa Estrutura Conceitual é organizada sobre princípios cognitivos que codificam noções espaciais na linguagem. Conseqüentemente, para esta teoria, a decomposição dos traços conceituais dos itens lexicais que codificam noções espaciais é central.

Ademais, nos parece interessante observar a variação entre “a”, “em”/“en” e “para”, tendo em vista que, dependendo da variedade do português ou do espanhol observada, elas apresentam sincretismos interessantes e, às vezes, difíceis de explicar com as ferramentas de outras teorias. Portanto, no restante desta seção, resenhamos alguns dos principais trabalhos publicados recentemente sobre a variação entre essas preposições no português e no espanhol.

1.1 DA FRONTEIRA PARA O MUNDO

A primeira variedade do espanhol que nos interessa observar é o espanhol falado no Paraguai (EP). Embora descrever essa língua de forma minuciosa fuja ao escopo deste trabalho, entendemos que esta tarefa eventualmente nos permitirá compreender melhor o português falado na fronteira Brasil-Paraguai. Muitos trabalhos já se dedicaram à descrição do EP, considerando seu intenso contato com o guarani e as possíveis influências da gramática desta língua. Poucos, porém, descrevem as preposições no EP. Destaque deve ser dado a um artigo recente, de Azucena Palacios (2019), que descreve o uso inovador das preposições “en” (e “por”) com verbos de movimento (os dados a seguir são de Palacios (2019: 240)):

- (11) a. “Que dicen me voy en Caacupe”
b. “...y entonces tuvieron que venir también acá en Asunción”

Segundo a autora, o uso inovador de “en” tende a ser explicado, na literatura, como uma “cópia semântica” das partículas locativas “-pe/-me” do guarani para a preposição “en”:

(12) Oho Asunción-pe (‘va a Asunción’)

(13) Omba’apó Asunción-pe (‘trabaja en Asunción’)

Contudo, em primeiro lugar, Palacios argumenta que, “una rápida ojeada a la historia del español evidencia que “a” y “en” estuvieron desde antiguo en variación” com verbos de movimento: “Dize la historia que cuando Palomades fue en la ciudad de Cornualla ... (Anónimo (1501))” (Palacios, 2019: 241)

Além disso, segundo a autora, essa variação continua sendo atestada no espanhol contemporâneo, principalmente se comparadas variedades europeias e americanas. Heredia (2012), por exemplo, compara os usos de “entrar en” e “entrar a” em três normas do espanhol americano (da Argentina, Venezuela e México) e na norma europeia. O resultado complementa as observações de Palacios, ou seja, na norma europeia, há uma preferência absoluta pelo uso de “entrar en” (94% das ocorrências), enquanto que na América essa tendência diminuiu até uma distribuição equitativa (Argentina: “en” 82%; Venezuela: “en” 63%; e México “en” 56%).

De qualquer forma, Palacios ressalta que, embora casos de variação entre as preposições “a” e “en” sejam atestados mesmo na variedade peninsular, “[e]sta situación de alternancia se hace especialmente sensible en contextos de bilingüismo histórico intenso (...)” Ou seja, embora não seja o contato em si o único responsável por criar os usos inovadores em variação, a gramática da língua de contato pode influenciar em uma direção ou em outra na escolha dos itens lexicais à disposição.

Um dos problemas observados na análise de Palacios (2019), porém, tem relação com a classificação de “a” como uma preposição direcional/de trajetória. Explicaremos por que esta classificação é problemática na seção 3, quando exploraremos as propostas da Nanossintaxe para a decomposição desses itens. Contudo, é necessário mencionar, neste momento, que a possibilidade de se usar a preposição “en” como complemento de um verbo direcional (“me voy en Caacupe”) tem muito mais a ver com sua propriedade locativa e a interpretação composicional do sentido da sentença, do que com os traços das partículas do guarani. Na nossa análise, discutiremos esse falso sincretismo.

1.2 AFRO-VARIEDADES DO ESPANHOL E DO PORTUGUÊS

Avelar (2017: 17) apresenta um extenso “panorama descritivo sobre as estratégias de complementação direcional em algumas afro-variedades⁴ de português e espanhol na África e na América Latina”. Segundo o autor, as variedades analisadas realizam o complemento direcional de um verbo de movimento de cinco formas:

(i) complementos direcionais introduzidos por a (...); (ii) complementos direcionais introduzidos por para (e suas variantes pra e pa) (...); (iii) complementos direcionais introduzidos por em/en (...); (iv) complementos direcionais introduzidos por para e em (...), previamente apresentados em Gonçalves (2010); e (v) complementos direcionais sem preposição (...). (Avelar, 2017: 20)

Os exemplos a seguir são reproduzidos de Avelar (2017: 20-21):

- (14) a. “já fui a Ponta Negra” (Cabinda, C318)
b. “me llevaron a casa de una curandera” (Cuba, López 1998:193)
- (15) a. “já fui pra Luanda” (Cabinda, C201)
b. “nojotro ibamo pa Arapata” (Bolívia, Lipski 2005: 206)
- (16) a. “eu fui no dotô” (Moquém, F4)
b. “fui en el ayuntamiento” (Guiné Equatorial, Q&CF 1995:492)
- (17) a. “eu vou para no rio pescar” (Maputo, Gonçalves 2010:158)
- (18) a. “a primeira vez que fui o médico” (Helvécia, Informante 04)
b. “hai que í la cementerio recogé huesito” (Bolívia, Lipski 2005:204)

Embora seu trabalho não se proponha a explicar esta variação, Avelar (2017) tece algumas considerações sobre as possíveis razões para a existência de estruturas tão inovadoras como as sentenças sem preposição, encontradas no português de Maputo e no espanhol afro-boliviano, ou para o amplo uso da preposição “em”/“en” em complementos direcionais no PB, no português angolano (PA) e no espanhol falado em Guiné Equatorial.

Segundo Avelar, Gonçalves (2010) sugere que os usos inovadores da preposição “em”, tanto em posição de complemento de verbos direcionais, quanto como morfema locativo interno ao sintagma nominal, são consequência da reanálise

⁴ “Afro-variedade” é um termo usado, portanto, para se referir ao português e espanhol falados, seja como L1 ou L2, em Angola, Moçambique e Guiné Equatorial, e também em comunidades compostas predominantemente por descendentes diretos de escravos africanos localizadas em regiões remotas da Bolívia, de Cuba, da República Dominicana e do Brasil.

de “em” como índice locativo, a partir da transferência de propriedades gramaticais do sufixo “-eni” presente nas línguas Bantu. Assim, para ambos os autores, como o sentido direcional já estaria codificado dentro dos verbos de movimento da família Bantu, sentenças com tais verbos poderiam apresentar ora um complemento nominal (SN) encabeçado pelo marcador locativo “em”, ora excluir completamente a necessidade do complemento N ser marcado por “em”.

Para Avelar e Galves (2014) e Avelar (2017: 35), porém,

para explicar as mudanças desencadeadas por contato entre os complementos direcionais[,] não se pode descartar a possibilidade de tais mudanças serem o resultado não da transferência de propriedades das línguas Bantu, mas da dificuldade, por parte dos aprendizes de português como L2, de assimilar propriedades relativas à complementação direcional, em especial no que diz respeito à escolha da preposição introdutora dos complementos.

Oliveira (2005), do mesmo modo, sugere que no português como L2 dos moçambicanos, a preposição “em” seja um “marcador de caso locativo”, ou seja, uma categoria nominal e não um núcleo de SP. Logo, ela pode desaparecer completamente em contextos com verbos de movimento ou aparecer dentro de outros SPs (os dados abaixo são de Oliveira (2005: 07):

- (19) **Na minha mãe** era fértil.
- (20) Levaram lá a igreja.
- (21) Voltou **para em** casa.
- (22) Está a sair **de no** estúdio.

Rita Gonçalves (2012), que investiga o português falado como primeira e segunda língua em São Tomé e Príncipe, também apresenta dados de fala com apagamento da preposição. Embora a autora observe que esse apagamento é mais comum em falantes mais jovens (18-34 anos) que, na sua maioria, já têm o português como primeira língua, o forro, língua crioula de base portuguesa, ainda é a língua majoritariamente falada na ilha.

É possível perceber, assim, que tanto a hipótese de transferência e reanálise, quanto a hipótese de aquisição imperfeita podem estar por trás da variação observada. Tentaremos argumentar, neste artigo, que, independentemente da razão que condiciona todas essas mudanças, a variação ainda assim é subordinada a uma hierarquia universal de traços semântico-funcionais e aos princípios da

Nanossintaxe. Nessa perspectiva, portanto, seria possível não só explicar tais dados, como tecer previsões mais acertadas sobre os caminhos possíveis e impossíveis que a mudança e a variação podem tomar no contato linguístico.

1.3 ENTRE A AMÉRICA E O VELHO CONTINENTE

De volta ao Brasil, encontramos uma extensa gama de pesquisas que se dedicam a analisar a aparente variação livre das preposições “para”, “em” e “a” no PB, tanto na complementação de verbos de movimento, quanto nos seus usos locativos e estativos (Rammé, 2017; Ferreira, 2020; Ferreira e Basso, 2019, 2020, entre muitos outros).

De forma geral, as pesquisas que se propõem a examinar os sentidos desses itens sugerem que, enquanto a preposição “a” está desaparecendo ou se especializando em contextos +funcionais, a preposição “em” está ocupando seu lugar tanto na expressão de localização, quanto no sentido direcional, contexto este em que compete com a preposição “para” na complementarização de verbos de movimento.

Ao comparar o PB com o português europeu (PE), Farias (2006: 213-214) propõe que esses três itens teriam as funções que podemos resumir no quadro a seguir:

Preposição	PE	PB
a	Locativa, direcional, temporal, de benefactivo, dativo, acusativo preposicionado etc.	Tende a ser substituída por em/para em contextos locativos e direcionais; é raro seu uso em contextos de acusativo preposicionado; nos contextos de dativo tende a ser substituída por para
para	Rege DPs alvo de verbos de movimento	Rege DPs complemento de verbos de movimento e complementos benefactivos
em	É categoricamente empregada para a marcação no espaço.	Marca localização no espaço e aparece em complementos de verbos de movimento

Tabela 1: Sentidos das preposições em, a e para no PB e no PE segundo Farias (2006)

Farias discute, então, se essas preposições deveriam ser categorizadas como + ou -lexicais, pois este traço diferenciaria preposições funcionais de preposições predicadoras. Essa distinção é importante, para o autor, porque preposições funcionais seriam marcadores *dummy*, que apenas realizam o Caso atribuído pelo verbo, não alterando o papel temático do DP. Já as preposições lexicais seriam aquelas que “sozinhas são responsáveis pela atribuição do Caso e da Marcação- θ ao DP complemento de P.” (Farias, 2006: 216).

Contudo, tendo em vista o comportamento ora funcional, ora lexical de “a”, “em” e “para”, Farias sugere que “[e]xiste uma gradação quanto ao traço + ou – lexical da categoria preposição (...), quanto mais dependente do verbo, mais funcional é a preposição”. Logo, existiria uma categoria de preposições “half way”: aquelas que atribuem Caso inerente ao seu DP complemento e que juntamente com o verbo são predicadores auxiliares na atribuição do papel temático ao DP”, como é o caso das preposições que introduzem o complemento de verbos de movimento.

Farias (2006) precisa lançar mão dessa noção de preposição “half-way”, porque a teoria que mobiliza para sua análise não leva em conta que tanto a categoria V, como P podem ser decompostas em traços mais finos, o que nos permitirá ver de forma mais nítida essa divisão de trabalho entre V e P. Rammé (2017b), por exemplo, discute como a Nanossintaxe nos permite entender a complexa distinção entre complementos e adjuntos de verbos de movimento sem precisar propor uma categoria intermediária de preposições.

Ademais, Rammé (2017a) sugere que “a” e “para” codificam tanto um traço da hierarquia de casos (K), como o traço Alvo da hierarquia de Trajetória (Pantcheva, 2011). Finalmente, em oposição à imagem amplamente difundida de que a preposição “em” teria traços/sentidos de uma preposição direcional, Rammé (2017a) propõe que “em” seja uma preposição puramente locativa. A leitura de alvo ou direcionalidade comumente associada a ela estaria, na verdade, sendo fornecida pelos traços conceituais presentes nos verbos de movimento com que “em” se combina.

Da mesma forma, contrários à proposta de que a preposição “a” do espanhol seja uma preposição direcional, Fábregas (2007) e Romeu (2014) argumentam que a preposição “a” é uma preposição puramente locativa e que o sentido de direcionalidade é sempre proporcionado por algum traço presente no verbo. Como esses trabalhos se inserem no quadro teórico da Nanossintaxe, vamos retomar sua argumentação na próxima seção.

Para concluir esta seção, reproduzimos abaixo o *continuum* proposto por Avelar (2017: 31) para as gramáticas do português. Consideramos que este *continuum* representa uma forte evidência para a defesa de que uma hierarquia funcional conceitual esteja restringindo a variação observada, tendo em vista que nenhuma variedade do português usa estratégias completamente imprevisíveis para a codificação dos sentidos/funções associados aos itens “a”, “para” e “em”:

Preposições na posição de complemento de verbos direcionais de movimento:			
PORTUGUÊS EUROPEU	PORTUGUÊS BRASILEIRO	PORTUGUÊS AFRO-BRASILEIRO	PORTUGUÊS AFRO-BRASILEIRO HELVÉCIA
V _{DIR} a SN V _{DIR} para SN	V _{DIR} a SN V _{DIR} para SN V _{DIR} em SN	V _{DIR} para SN V _{DIR} em SN	V _{DIR} para SN V _{DIR} em SN V _{DIR} SN

Tabela 2: *Continuum* de variedades de português segundo Avelar (2017)

Como se pode ver, em uma ponta do *continuum*, a variedade PE possui dois itens da categoria P que compartilham sentidos compatíveis com contextos direcionais. No outro extremo, temos outros itens P que parecem compartilhar tais sentidos, um deles sendo também locativo, e ainda um contexto em que tais itens parecem compartilhar traços com uma categoria V ou N. Na próxima seção, exploraremos as ferramentas que a Nanossintaxe nos disponibiliza para entender esse complexo cenário. Para isso, revisaremos os trabalhos de Pantcheva (2009,2010, 2011), Svenonius (2006a, 2010), Caha (2009, 2010), concluindo com as propostas de Fábregas (2007) para o Espanhol e de Rammé (2017a), Ferreira (2020), Basso e Ferreira (2019) e Ferreira e Basso (2020) para o PB.

2 NANOSSINTAXE DE P

Como já mencionado, a premissa mais forte da Nanossintaxe é a postulação de uma hierarquia universal (f-seq) que organiza conceitos primitivos semântico-funcionais e que, junto com alguns poucos princípios amplamente aceitos na literatura, restringe a ordem com que estes conceitos são lexicalizados/codificados em itens lexicais (Starke, 2010). As línguas variam, assim, na medida em que partes diferentes dessa hierarquia estejam associadas a diferentes itens lexicais.

No domínio espacial, diferentes autores já propuseram variadas hierarquias para os domínios P e K, associados à categoria P (Svenonius, 2006a; Caha, 2009; Pantcheva, 2011; Romeu, 2014; Basso e Ferreira, 2019). A maioria desses trabalhos assume a proposta de Jackendoff (1983) de que os itens lexicais que codificam sentidos espaciais poderiam ser decompostos em uma hierarquia de traços como Via (Rota), Trajetória, Lugar. A defesa de uma hierarquia para a organização desses conceitos se fundamenta na observação de que cognitivamente, conceitos mais complexos como Trajetórias são construídos sobre/a partir de conceitos mais simples, como Localização. O traço de Localização/Lugar estaria, assim, na base de uma hierarquia espacial.

Antes de discutirmos as diferentes hierarquias propostas dentro da Nanossintaxe para a categoria P, contudo, é importante registrar uma observação de cunho metodológico que também é central para os estudos nanossintáticos. A Nanossintaxe se coloca como uma teoria de cunho cartográfico e, portanto, se orienta pela descrição translinguística. O princípio que conduz qualquer tese nanossintática é, portanto, a exigência de que a proposta esteja fortemente embasada na observação de dados empíricos, considerando ao mesmo tempo, a necessidade de se justificar tanto morfossintaticamente, quanto semanticamente cada novo traço apresentado.

2.1 DECOMPOSIÇÃO DE P NA NANOSSINTAXE

A primeira hierarquia proposta para a categoria P aparece em Svenonius (2006). Para o autor, as projeções estendidas de P poderiam incluir os traços Traj, Loc (decomposto em Lugar e AxPart) e K⁵. Segundo Rammé (2018), no PB, um item como “debaixo de” carregaria toda essa estrutura:

(23) Joana saiu/entrou **debaixo da mesa**.

Traj(de)>Lugar(de)>AxPart(baixo)>K(de)>SD(a mesa)

Pantcheva (2009, 2010, 2011), por sua vez, propõe que o conceito de Trajetória seja decomposto nos traços Rota, Fonte, Alvo e Lugar. Tanto a proposta de Pantcheva (2011), quanto de Svenonius (2006a), apresentam evidências empíricas de línguas

⁵ Optamos por usar a terminologia em português neste trabalho. Assim, em todo o artigo a relação será a seguinte: Path (Trajetória/Traj), Route (Rota), Source (Fonte), Goal (Alvo), Location (Localização/Loc), Place (Lugar), AxialPart (Parte Axial/AxPart) e Case/K (Caso/K), Scale (Escala) e Bound (Limite).

que possuem morfemas especializados em um ou outro dos traços/conceitos acima. Além disso, Pantcheva (2011) explora como o valor semântico de cada traço seria construído composicionalmente a partir de sua relação com o traço mais baixo. Assim, a projeção Alvo carregaria um sentido de transição, de uma região para outra, a partir do conceito de Lugar. O traço Fonte, por sua vez, contribuiria com o sentido de inversão da semântica de Alvo. Rota, por fim, teria um sentido bi-transicional, construído composicionalmente a partir dos sentidos dos traços mais baixos.

Logo, essas propostas não só são semanticamente motivadas, como também se constróem a partir da observação de uma ampla quantidade de línguas que possuem morfemas especializados em cada um dos traços, assim como de línguas cujos morfemas associados a um traço mais alto, como Alvo, englobam o traço/morfema mais baixo, Lugar. No exemplo abaixo, reproduzido de Pantcheva (2009: 06), podemos observar como os morfemas de Alvo (-l-le Path) e Fonte (-l-t Source), no estônio⁶, são construídos composicionalmente sobre o morfema de lugar (-l Place):

- (24) jala-l
foot-on 'on the foot' ("no pé", em português)
- (25) jala-l-le
foot-on-to 'onto the foot' ("no/pro pé", em português)
- (26) jala-l-t
foot-on-from 'off the foot' ("do pé", em português)

A autora conclui, então, que “directional expressions are built on top of locative expressions by adding to the locative structure the directional head Path”⁷ (Pantcheva, 2010: 6-7). Mais do que isso, porém, Pantcheva também observa que as línguas variam na medida em que um mesmo morfema codifica ou não mais de um traço da hierarquia Traj>Lugar. Essa f-seq, além disso, permite prever que tipos de sincretismos não seriam possíveis, por exemplo, uma língua em que um mesmo morfema A codificasse Lugar e Fonte, mas possuísse um morfema distinto B para codificar Alvo, um traço intermediário. Nos padrões de sincretismos apresentados por Pantcheva (2009: 13), que vão do mais frequente translinguisticamente ao menos frequente, observamos que, de fato, morfemas *ABA não são atestados.

⁶ Os dados do estônio (ou estoniano) são reproduzidos do trabalho de Viitso (1998), segundo a autora.

⁷ “(...) expressões direcionais são construídas acima de expressões locativas, adicionando-se à estrutura locativa o núcleo direcional Trajetória.” - Tradução nossa.

Para finalizar esta seção, discutiremos as propostas de Caha (2009, 2010) para uma hierarquia do sistema de Casos que possa ser conjugada com a hierarquia espacial. Consideramos esta proposta especialmente interessante, tendo em vista que, como observado nos dados de diferentes variedades das línguas portuguesa e espanhola, as preposições “a”, “para” e “em”/“en” tendem a ser associadas não somente a sentidos/funções do domínio espacial, mas também do domínio K. Um problema central, como observado em Farias (2006), é entender como, em alguns contextos, uma preposição pode ser atribuidora de Caso, enquanto em outros contextos ela é atribuidora de papel temático Locativo ou Alvo a SNs complementos de verbos de movimento.

Caha (2009, 2010) também analisa um extenso número de línguas para chegar à proposta de uma hierarquia de casos que reproduzimos abaixo. Segundo o autor, enquanto algumas línguas expressam os conceitos do sistema de Casos através de um conjunto de morfemas, outras codificam os mesmos conceitos em preposições ou posposições. Assim, Caha (2009) propõe a seguinte Sequência de Casos: NOM – ACC – GEN – DAT – INS – COM⁸.

Como foi possível observar nas propostas de Pantcheva e Svenonius, ambos consideram a existência de uma projeção/um traço K na base da hierarquia espacial. Este traço é colocado ali, normalmente, por causa de sua forte relação com a categoria nominal N. Contudo, um simples traço K não parece dar conta da diversidade de sentidos/funções que morfemas de Caso carregam. Além disso, há, de fato, Casos que são mais próximos de N, como Acusativo e Nominativo e podem, assim, ser considerados como traços da projeção estendida de um SD ou SN. Outros Casos, porém, como o Dativo, Locativo, Ablativo etc., parecem estar mais próximos da categoria P e, portanto, serem considerados projeções estendidas de P, e não de N.

A decomposição de K é importante, portanto, para entendermos como cada um desses sentidos se relaciona com diferentes categorias e entre si. Caha discute, assim, de que forma a hierarquia de Casos estaria se relacionando com a hierarquia espacial em línguas como o holandês e o alemão, em que o trabalho de marcação de sentidos locativos e direcionais é dividido entre Casos morfológicos, que se manifestam nos determinantes, e preposições/posposições espaciais, que supostamente codificam sentidos de direção e localização. Sua proposta pode ser visualizada abaixo (Caha, 2010: 182):

⁸ Sequência de casos: Nominativo - Acusativo - Genitivo - Dativo - Instrumental - Comitativo.

(27) [C-dir [Deix-dir [Asp-dir [P-dir [C-loc [Deix-loc [Asp-loc [P-loc [DP...

Esta hierarquia sugere que na projeção estendida de uma preposição locativa (P-loc ou Place) ou direcional (P-dir ou Path) teremos três traços: um traço aspectual associado à hierarquia de casos (Dat para Asp-loc e Acc para Asp-dir), um traço dêitico (Deix) acima deste e um traço máximo complementizador (C). Além disso, Caha propõe que o traço K seja diferenciado dos casos estruturais (Acc e Nom) que se encontrariam na projeção estendida do SD. Assim, a partir da hierarquia de Bayer et al. (2001), Caha (2010: 205) propõe a seguinte decomposição:

(28) a. Acusativo: [F [DP]]⁹
b. Dativo: [K [F [DP]]

Note-se que, nesta representação, Caha assume que o Acusativo (F) seja o que tradicionalmente costuma chamar-se de caso estrutural, ou seja, um traço que se encontra na projeção estendida do DP. Ao mesmo tempo, Dativo seria um caso oblíquo e seria “built on top of the accusative by the addition of a feature (K)”¹⁰. Desse modo, podemos prever como ocorreria a divisão de trabalho entre preposições e sufixos de Caso em línguas como o búlgaro (que só tem o morfema de Acusativo, dativo sendo codificado na preposição) e o alemão (que também tem um morfema especializado de Dativo K). A diferença entre as duas línguas estaria, então, na posição máxima para a qual o substantivo pode se mover na hierarquia (reproduzido de Caha, 2010: 207):

(29) The division of labor between prepositions and case suffixes¹¹
a. B: [K=na [DP=profesor- [F=a t-DP]]]
b. G: [DP=Brüder- [K=-n [F=Ø t-DP]]]

Antes de passarmos às análises dos dados do espanhol e do português, é importante ainda revisar o que os trabalhos em Nanossintaxe já propuseram para essas línguas especificamente. Faremos isso na próxima subseção.

⁹ F representa os casos estruturais e K os casos oblíquos.

¹⁰ “...construído em cima do acusativo pela adição de um traço (K).” - Tradução nossa.

¹¹ “A divisão de trabalho entre preposições e sufixos de caso” - Tradução nossa.

2.2 NANOSSINTAXE DE P NO ESPANHOL

Fábregas (2007) propõe que as preposições “en” e “a” sejam exclusivamente locativas, ou seja, somente estariam codificando o traço Lugar. Para o autor, o sentido de Trajetória comumente associado à preposição seria um caso de Falso Sincretismo (Pantcheva, 2011). Ou seja, o traço Traj associado a “a” não estaria sendo codificado pela preposição, mas estaria nos verbos com os quais a preposição em geral ocorre. Para sustentar sua tese, Fábregas assume a proposta de Ramchand (2008) de que a categoria V possa ser decomposta em traços mais finos, nomeadamente, Iniciador (Init), Processo (Proc), Trajetória (Traj) e Resultado (Res).

Nessa hierarquia, Traj é um complemento de Proc. Assim, verbos que possuam a estrutura Proc>Traj tomarão como seus argumentos (sejam eles SNs ou SPs), elementos que contribuam com o sentido de determinar a Trajetória do evento. A análise de Fábregas é interessante por considerar a divisão de trabalho entre V e P na expressão dos sentidos de Trajetória e Localização, explicando por que a preposição “a” pode se combinar tanto com verbos exclusivamente locativos, como em “Juan permaneció a la puerta.”, quanto verbos de movimento “Juan subió a mi casa.” Porém, sua análise não dá conta de explicar nanossintaticamente as sutis diferenças no emprego de “en” e “a”, o primeiro tendo, segundo o próprio autor, restrições muito mais locativas que o segundo.

Para Fábregas, a diferença entre “a” e “en” estaria no sentido enciclopédico associado a cada preposição: “...en expresa una relación de lugar donde la Figura está contenida en el Fondo o apoyada en este. En cambio, a denota una relación de lugar en la que la Figura está en contacto con (al menos) una parte del borde del Fondo” (Fábregas 2007: 178). A escolha de uma ou outra se resumiria, então, a restrições conceituais impostas por cada verbo.

Romeu (2014), por sua vez, propõe uma hierarquia diferente daquelas até aqui apresentadas e sugere que o traço Place/Loc seja decomposto em dois outros traços Rel (Relacional) e Mod (Modificador). Assim, “en” teria em sua entrada lexical a estrutura [MOD_Con-junto[Rel]] e “a” teria [MOD_Dis-junto[Rel]]. Seriam esses traços, então, que garantiriam a distribuição de “en” e “a” com verbos de movimento (ROMEU, 2014: 253). Sua análise, porém, não permite explicar por que “a” pode ser empregada com alguns verbos de movimento como “correr”, mas parece ser

bloqueada por verbos da mesma classe, como “bailar”. Sua saída, assim como Fábregas (2007), é jogar a restrição para o conteúdo enciclopédico-conceitual.

Na pesquisa aqui apresentada, acreditamos que, com suficiente análise e observação de dados empíricos, podemos chegar a uma proposta de f-seq que inclua esses padrões linguísticos que não parecem de nenhum modo acidentais. Fariña e Rammé (2019), nesse sentido, ao analisarem a conexão da preposição “a” com os fenômenos da Marcação Diferencial de Objeto (MDO), do leísmo e do licenciamento de objeto nulo em dados de fala do EP propõem que, para além de um possível traço locativo, este item seja associado a uma estrutura de traços [Dat[Acc2-DEF]], seguindo Amélie Rocquet (2013). O traço Acc2-DEF é proposto por Rocquet (2013) e estaria associado aos conceitos semânticos de +definido e +humano/+animado que se distribuem complementarmente em morfemas do domínio verbal e nominal no húngaro. Esse traço seria o responsável, portanto, por licenciar o uso do marcador diferencial “a” ante NPs no espanhol. É possível, ainda, que os traços de Dativo e Acc2-DEF, em combinação com o traço Loc, sejam a razão do uso tão amplo de “a”.

Vale ainda destacar que tanto Fábregas quanto Romeu, ao analisarem o espanhol europeu, afirmam que sentenças com a preposição “en” na posição de complemento de verbos de movimento direcionais (como “fue en la tienda”) é agramatical. De fato, essa combinação pode ser agramatical na variedade europeia, porém, é amplamente observada em outras variedades e ambas as análises acabam sem explicar essas ocorrências. Tentaremos elucidar essa e outras micro-variações do espanhol na próxima seção. Antes, porém, faremos uma breve revisão das propostas de análise nanossintática já apresentadas para as preposições do PB.

2.3 NANOSSINTAXE DE P NO PB

Seguindo Pantcheva (2011), Caha (2009) e Fábregas (2007), Rammé (2017) também propõe que, no PB, a preposição “em” seja um item exclusivamente locativo. Além disso, para a autora, o item “a” codificaria a estrutura K>Traj-Alvo e, devido a um processo de mudança linguística por reanálise, este item teria perdido completamente o traço Lugar e carregaria, na gramática de muitos falantes brasileiros, somente K. Ao mesmo tempo, “para” teria a estrutura K>Alvo>Lugar.

Com essa proposta, Rammé (2017a), da mesma forma que Fábregas, sugere que a divisão de trabalho entre verbos e preposições esteja se realizando através do

item que é selecionado para se combinar com o traço Traj que a sintaxe constrói. Daí deriva-se que verbos com a configuração Proc-Traj-Res possam se combinar tanto com preposições exclusivamente locativas, como “em”, quanto com preposições de trajetória, como “a” e “para”, tendo em vista que o traço Res no complemento de Traj já fornece uma interpretação de resultado estativo da trajetória, o que, para verbos de movimento, é uma localização.

Os trabalhos de Ferreira, por sua vez, partem da proposta de Pantcheva (2011) e exploram as motivações semânticas para a introdução dos traços Scale e Bound nas nanoestruturas de certos SVs e SPs. Assim, Ferreira (2020), Basso e Ferreira (2019) e Ferreira e Basso (2020) fazem propostas de decomposição de P e discutem o papel das preposições ALVO e do traço Limite na construção do sentido de telicidade. Segundo Basso e Ferreira (2019), portanto, a preposição “para” do PB carregaria a nanoestrutura Escala>Alvo>Lugar.

Para os autores, “semanticamente, [o núcleo Escala] recorta apenas um pedaço da trajetória como sendo relevante para a interpretação, excluindo a transição.” (Basso; Ferreira, 2019, p. 58). Assim, embora a preposição “para” seja usada para introduzir alvos de verbos de movimento, não se pode garantir que haverá uma mudança da Figura de um espaço A para um domínio complementar ~A. É por isso que, conforme exemplificam Ferreira (2020) e Basso e Ferreira (2019), o uso de “para” permite que o alvo do movimento seja cancelado, sem gerar uma contradição, como em “Ana foi para o trabalho, mas voltou para casa no meio do caminho”. Embora apresentem um panorama abrangente da tipologia das preposições ALVO e seus valores semânticos, os trabalhos acima, contudo, não discutem os usos de “para” em contextos de dativo ou mesmo a variação entre “para”, “em” e “a” em contextos locativos e de trajetória.

Como se pode perceber, nenhuma análise, até o momento, chegou a apresentar uma resposta definitiva para a complexa gama de sentidos que são associados às preposições “a”, “para” e “em”/“en” ou para a ainda mais complexa relação dessas com SVs e SNs translinguisticamente. Na próxima seção, embora não tenhamos o objetivo tampouco de apresentar uma análise definitiva, vamos explorar alguns caminhos que as propostas aqui resenhadas nos apresentam para compreender a (micro-)variação observada no português e no espanhol.

3 NANOSSITAXE DO CONTATO ENTRE LÍNGUAS

Na seção 2, foram discutidas as diferentes hierarquias já propostas dentro do quadro da Nanossintaxe para os domínios P e K. Em (30), resumimos as propostas de *f-seq* para esses domínios:

- (30) F-seqs de P e K
- a. Svenonius (2006a) : decomposição de Path (Trajetória)
Trajetória ‘Path’ > Lugar ‘Place’ > AxPart > K > SD
 - b. Caha (2009) : decomposição de K (Caso)
Com > Inst > Dat > Gen > Acc > Nom
Oblíquo > Estrutural > DP
 - c. Pantcheva (2011) : decomposição de Path (Trajetória)
Escala/Limite ‘Scale/Bound’ > Rota > Fonte > Alvo > Lugar > SD
 - d. Rocquet (2013) : decomposição de K (Caso)
Com > Inst > Dat > Gen > Acc2-DEF > Acc1 > Nom

Além disso, vimos que, a partir dessas *f-seq*, diferentes pesquisas sugeriram que os itens “a”, “para” e “em”/“en” estariam codificando os seguintes traços em suas entradas lexicais:

	Espanhol		Português	
“a”:	Lugar	Dat>Acc2	K>Alvo>(Lugar)	x
“em”:	Lugar	x	Lugar	Lugar
“para”:	x	x	K>Alvo>Lugar	Escala>Alvo>Lugar
	(Fábregas)	(Fariña & Rammé)	(Rammé)	(Ferreira & Basso)

Tabela 3: Nanoestruturas de “a”, “para” e “em”/“en”

Embora, à primeira vista, as análises acima pareçam conflitivas, acreditamos que, feitos os devidos ajustes, elas possam ser combinadas de forma a se complementar. Assim, organizamos esta seção da seguinte forma: primeiro, discutiremos uma proposta de combinação das hierarquias em (30) acima para, na sequência, olharmos para os dados do português, do espanhol e do portunhol.

O primeiro ajuste considerado, assim, foi a exclusão da *f-seq* de Romeu (2014). Fizemos isso, porque, como já mencionado, nos parece que a proposta de um traço

como Dis-junto/Con-junto para uma preposição específica tem a mesma função que jogar as diferenças idiossincráticas entre “a” e “en” para o terço conceitual de suas entradas lexicais¹². Conseqüentemente, a semântica de Rel resta forçosamente imprecisa, estando presente em qualquer item que relacione um objeto a um lugar, precisamente o que o traço Lugar faz nas outras hierarquias.

Ao voltarmos, então, para as f-seq em (30)a-d, acima, acreditamos que a segunda questão importante a se observar é a hierarquia de Caha (2010). Este autor sugere que os traços de Caso estariam interagindo com a hierarquia espacial através de uma marcação de caso definida na posição de Spec de P. Essa marcação, contudo, como o autor nota, parece infringir a própria Hierarquia de Casos, uma vez que Spec de Asp-Dir está marcado para Acusativo, enquanto que Asp-loc, abaixo de Asp-Dir, atribui o caso Dativo. Caha explica essa aparente infração da f-seq usando a operação de sub-extração.

Todavia, partindo da hipótese de Svenonius (2006b), de que, na nanossintaxe, todos os casos de argumentos verbais são estruturais, ou seja, projetam os seus próprios núcleos na estrutura, acreditamos que não seja necessário lançar mão de um dispositivo como a sub-extração se combinarmos as diferentes hierarquias já propostas para o domínio P da seguinte forma:

- (31) Combinação da Hierarquia Espacial e de Casos
... Escala > Traj-Alvo > Dat > Gen > Loc > Acc2 > Acc1 > Nom > SD...

Observe-se que esta proposta toma como base a hipótese de que, assim como “other atoms of Nanosyntax, case layers are the mapping of semantic features onto syntax”¹³ de uma forma ordenada. No caso das hierarquias de Caso e Trajetória, esse mapeamento se dá, por sua vez, como “a function of the theta-role of the argument over which the KP is merged”¹⁴ (Rocquet, 2013: 29).

Assumimos, portanto, que, na Nanossintaxe, cada caso estrutural mapeia para um papel temático. Semanticamente, isso implica reconhecer que os papéis temáticos atribuídos aos argumentos de um evento estão organizados hierarquicamente e, de

¹² Registro meu agradecimento mais que especial a Thayse L. Ferreira pelos pertinentes apontamentos que me levaram a esta decisão, e também por todo o apoio, amizade e parceria nessas aventuras nanoexploratórias.

¹³ “...outros átomos da Nanossintaxe, camadas de casos são o mapeamento de traços semânticos para a sintaxe.” - Tradução nossa.

¹⁴ “...uma função do papel temático do argumento sobre o qual o SK é mesclado.” - Tradução nossa.

fato, a proposta de uma hierarquia de papéis temáticos não é uma novidade na literatura da área. A proposta inédita que estamos defendendo neste trabalho é, contudo, a unificação de diferentes f-seq já consistentemente discutidas na Nanossintaxe, de uma maneira que a própria hierarquia dê conta de explicar a variação observada nos usos das preposições espaciais do português e do espanhol.

Além disso, seguindo a argumentação de Caha (2009: 142), entendemos que “the number of case layers entering the composition of a KP is a function of the theta-role of the argument over which the KP is merged.”¹⁵ Isso quer dizer que, de uma maneira bastante direta, um DP vai ser interpretado como carregando o papel temático que é associado ao núcleo mais alto da projeção de Casos sob a qual ele se encontra. Conversamente, um DP associado a um papel temático como Possuidor, por exemplo, que é associado ao caso Genitivo, estará na base de uma projeção de (pelo menos) três casos: Gen > Acc > Nom > DP.

Ainda segundo Caha (2009) e Rocquet (2013: 30), entende-se que “this concomitant meaning and form differences are two sides of the same coin. [Por exemplo,] assuming that possession is mapped onto syntax by merging a genitive KP, the expression of change of possession is mapped by adding a dative case layer on top of the genitive KP”¹⁶.

A construção de um sentido mais complexo sobre sentidos mais simples/baixos hierarquicamente também é, como já mencionado, uma das propostas centrais da Semântica Conceitual de Jackendoff. A Nanossintaxe, porém, permite uma implementação dessa semântica jackendoffiana de forma mais direta com a sintaxe, sem que seja necessário lançar mão de ferramentas teóricas como a noção de camadas (tiers) e um módulo independente que reúne regras de ligação entre morfologia, sintaxe e semântica.

A título de ilustração, tomemos uma questão levantada por Jackendoff (1990, p. 199). Ao discutir a classe de verbos bi-transitivos que licenciam alternância dativa, o autor comenta que a única diferença de significado entre as construções bi-transitivas seria que “in the ditransitive form, the Goal is easier to construe as Beneficiary”¹⁷. Em termos nanossintáticos, poderemos verificar que esta leve

¹⁵ “...o número de camadas de Caso que entram na composição de um SK é uma função do papel temático do argumento sobre o qual o SK é mesclado.”

¹⁶ “...este significado concomitante e diferenças de forma são as duas faces da mesma moeda. [Por exemplo,] assumindo que a posse é mapeada na sintaxe pela fusão de um SK genitivo, a expressão de mudança de posse é mapeada pela adição de uma camada de caso dativo no topo do SK genitivo.”

¹⁷ “...na forma ditransitiva, é mais fácil construir o Alvo como Beneficiário.”

distinção ocorre precisamente por causa dos traços Traj-Avo>Dat codificados na preposição “to” e da ausência do traço Traj nas estruturas bi-transitivas. Segundo Rammé (no prelo), tal configuração permite explicar de forma bastante simples por que construções bi-transitivas tendem a bloquear o sentido de Alvo e por que, com alguns verbos, a alternância com “to” parece mudar completamente o sentido da sentença (“The secretary wrote the boss_(Beneficiário) a letter/a letter to the boss_(Alvo)”¹⁸).

Como se pode ver, ao associarmos a f-seq nanossintática a um pequeno conjunto de princípios é possível explicar micro-variações que relacionam forma e sentido de maneira bastante previsível. Desse modo, na próxima subseção, voltaremos nosso olhar aos dados do espanhol e do português em contato.

3.1 NANOSSITAXE DO ESPANHOL E DO PORTUGUÊS EM CONTATO

Começamos analisando a hierarquia aqui proposta para a norma geral do português brasileiro e do espanhol peninsular:

(32) Hierarquia de P & K

... Escala> Traj-Alvo> Dat> Gen> Loc/Lugar> Acc2> Acc1> Nom> SD...

Como já mencionado, tanto o português quanto o espanhol não têm marcação morfológica de Caso em N ou D, com exceção do paradigma pronominal. Logo, uma primeira previsão que podemos fazer é que os substantivos de ambas as línguas carregam, pelo menos, os traços Nom e Acc em sua projeção estendida Acc1>Nom>SD/SN.

O espanhol, porém, à diferença do português brasileiro, possui um morfema, “a”, para marcação de Acc2-DEF. Tendo em vista que, no PB, essa marcação desapareceu, podemos conjecturar uma pequena diferença entre os nominais do espanhol e do PB. No espanhol, eles são especificados para a estrutura Acc1>Nom>SD/SN, enquanto que, no PB, carregam os traços Acc2>Acc1>Nom>SD/SN.

Além disso, como já mencionado, sabemos que tanto “en”, quanto “em” são preposições puramente locativas, logo, codificam somente o traço Lugar/Loc. Porém, diferentemente do proposto por Fábregas, sabemos que “a” é amplamente usada em

¹⁸ “A secretária escreveu uma carta para o chefe” - Tradução nossa.

contextos de genitivo e dativo no espanhol. Logo, é provável que este item também carregue tais traços¹⁹ e, portanto, sua estrutura seria: Dat>Gen>Loc>Acc2.

Finalmente, embora não tenhamos encontrado trabalhos que identifiquem usos espaciais de “para” em espanhol, no PB, este item tende a ser encontrado em contextos de Dativo e de Alvo de movimento, como discutido nas seções anteriores. Assim, propomos que “para” carregue o arranjo Escala>Alvo>Dat>Gen>Loc. Esse arranjo complexo de traços pode explicar, a nosso ver, a produtividade de “para” no PB, em oposição a “em” e “a”.

Uma última observação faz-se necessária. Como já mencionado, estamos trabalhando com a hipótese de que o sentido dos traços mais altos é construído composicionalmente a partir dos sentidos dos traços mais baixos na f-seq. Logo, o significado de Traj-Alvo é composicional, no sentido jackedoffiano: direcionalidade é a computação de um Alvo espacial construído sobre um sentido de mudança (Dativo), culminando em uma localização espacial (Loc) (que não precisa ser necessariamente alcançada na presença do traço Escala (cf. Basso e Ferreira, 2019; Ferreira, 2020)).

Paralelamente, quando o traço Alvo está subassociado nos contextos de Dativo, é possível conjecturar que o traço Loc seja interpretado como uma localização abstrata, não espacial. Embora essa hipótese também careça de aprofundamento, ela parece indicar uma saída para compreendermos a íntima relação entre possuidores e locativos amplamente discutida na literatura. Tendo feito esta ressalva, podemos resumir a descrição acima nos seguintes quadros:

	Domínio P					Domínio N		
Contextos:	Escala>	Alvo>	Dat>	Gen>	Loc>	Acc2-DEF>	Acc1>	Nom>SD
Dir/Dat/Loc			a					Nomes
Dir/Loc					en		Nomes	

Tabela 4: Decomposição de P no espanhol.

¹⁹ Embora uma pesquisa mais extensa fosse necessária para a comprovação empírica desta hipótese e a checagem de falsos sincretismos, sua realização foge ao escopo desta discussão, portanto, para este artigo, assumiremos tal tese de trabalho e deixaremos para trabalhos futuros sua verificação mais esmiuçada.

	Categoria P					Categoria N		
Contextos:	Escala>	Alvo>	Dat>	Gen>	Loc>	Acc2-DEF>	Acc1>	Nom>SD
Dat/Loc			a			Nomes		
Dir/Dat	para					Nomes		
Dir/Loc					em	Nomes		

Tabela 5: Decomposição de P no PB.

Com essa imagem em mente, voltemos, agora, para a análise dos dados de variação do espanhol e do português em contato com outras línguas. Nos ateremos aos casos variantes, deixando de lado a análise das interpretações mais tradicionais e aquelas que já foram anteriormente discutidas neste trabalho. Organizamos a análise de acordo com cada variação observada. Vamos começar aqui do lado da nossa fronteira, revendo o uso da preposição “en” em contextos direcionais no espanhol paraguaio.

3.1.1 O CASO DO “EN” DIRECIONAL

Como discutido anteriormente, diferentes trabalhos no âmbito da Nanossintaxe já demonstraram que o aparente sincretismo entre os sentidos de direção e localização associados à preposição “en”/“em” é um equívoco. Seguindo a argumentação de Rammé (2017a) para o PB, acreditamos que, nos contextos em que a preposição “en” parece direcional, sempre é possível identificar um verbo de movimento que estaria, ele sim, contribuindo com tal sentido para a estrutura. Veja-se exemplos do espanhol guineense-equatorial, reproduzidos de Avelar (2017: 37):

- (33) a. “te lleva en una curandera de essas”
b. “tendremos que volver en Annobón”

Todos os outros casos em que “em” ou “en” introduzem argumentos de verbos de movimento, tanto em português, como em espanhol, são configurações do mesmo fenômeno. Sua especificação para a introdução de argumentos locativos parece garantir, desse modo, a produtividade deste fenômeno nas diferentes variedades das línguas analisadas.

3.1.2 O CASO DO “EM” NOMINAL

Ao nos afastarmos um pouco da fronteira, encontramos um outro uso bastante curioso e inovador das preposições “en” e “em”: o aparecimento desses itens em contextos exclusivamente nominais ou introduzindo o complemento de outra preposição de trajetória, como “para”. Para esses casos, acreditamos que a explicação se deva a uma mudança na estrutura associada a esses itens, que passaram a incluir os traços abaixo de Loc: Acc2, Acc1 e Nom. Assim, no português moçambicano, angolano, da ilha de São Tomé e da afro-variedade de Helvécia/Brasil, a estrutura codificada por “em” parece ser Loc>Acc2>Acc1>Nom.

Assim, em contextos de nominativo e acusativo, como em (34), “em” será usado tendo em vista o Princípio da Subassociação, em que os traços mais altos podem ser deixados de fora da computação, contanto que a Condição de Âncora seja respeitada (Dados do português moçambicano (Oliveira, 2005: 07)):

- (34) a. **Na minha mãe** era fértil. b. Conheci **nesse livro**.

Ao mesmo tempo, a mesma estrutura vai permitir que “em” seja usada para introduzir o argumento de outra preposição, contanto que seja uma preposição Path>Dat>Gen que tome Loc como seu complemento:

- (35) a. Voltou **para em** casa. b. Está a sair **de no** estúdio.

3.1.3. O CASO DOS COMPLEMENTOS VERBAIS NÃO PREPOSICIONADOS

Tanto o português, quanto o espanhol possuem variedades em que as preposições “a”, “em” e “para” são apagadas. Observem-se os dados do português de São Tomé (36), reproduzidos de Gonçalves (2012: 420-421) e do espanhol afro-boliviano (37), adaptados de Avelar (2017: 38):

- (36) a. Tem que apanhar carro para chegar Porto Alegre.
b. Entrou pensão onde nós estávamos.
c. Entrega senhor uma cerveja.

- (37) a. Nació Murarata.
b. En este tempo di cosecha siempre nojotro va trabajo.
c. Los patrón vivían La Paz.

Embora os trabalhos citados tragam exemplos de apagamentos desses itens em contextos mais amplos, vamos ater nossa análise aos contextos de trajetória, dativo e locativo. Tendo em vista que verbos e preposições podem compartilhar traços, é possível conjecturar que os verbos “chegar” e “entrar”, nas variedades acima, carreguem, para além de seus respectivos traços Init, Proc ou Res, os traços de Goal>Dat>Gen>Loc. Ao mesmo tempo, o verbo “entregar” parece estar codificando um subconjunto desses traços, nomeadamente Dat>Gen>Loc.

Ainda, no espanhol afro-boliviano, é razoável propor que verbos locativos como “nacer” e “viver” codifiquem como núcleo mais baixo de sua estrutura o traço Loc, ao mesmo tempo em que um verbo como “ir” esteja codificando ...Goal>Dat>Gen>Loc. Considerando-se que a Condição de Âncora impede esses traços mais baixos de serem subassociados, é uma conclusão óbvia que seus complementos não sejam preposicionados.

3.1.4 UMA ÚLTIMA PARADA ANTES DO NOSSO DESTINO FINAL

Antes de encerrarmos este artigo com algumas considerações acerca do portunhol falado na fronteira trinacional, é preciso explicitar a lógica que guiou a análise aqui proposta. Como se pôde perceber, bastou a postulação de uma f-seq universal que conjuga traços sintáticos e semântico-conceituais, associada a uns poucos princípios amplamente aceitos e independentemente motivados, para termos um quadro bastante nítido das micro-variações encontradas nas mais diversas variedades do português e do espanhol, especialmente em situações de intenso contato linguístico.

É importante destacar, além disso, que não foi preciso, em nenhum momento, lançar mão de explicações idiossincráticas ou jogar para o conteúdo conceitual a razão por trás dos diferentes sentidos que os verbos e preposições envolvidos na expressão do movimento/tranferência/mudança assumem nessas línguas. O que essa análise evidencia é que, atendo-se a uma hierarquia rígida de conceitos sobre os quais a sintaxe opera, é possível vislumbrar os caminhos prováveis da variação e mudança.

Assim, as palavras e morfemas de uma determinada língua podem ganhar ou perder traços dependendo da sua situação de contato ou outro fenômeno externo, contanto que os traços acumulados ou extraviados sejam conceitos contíguos da hierarquia universal. Para explorar como essa restrição condiciona as interlínguas ou misturas de códigos que emergem da comunicação multilíngue em contextos de contato linguístico, vamos tecer algumas hipóteses iniciais sobre o portunhol nas nossas considerações não tão finais assim.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos, neste artigo, que a grande variação observada nas línguas portuguesa e espanhola, apesar de ser favorecida pelo contato linguístico, não é fruto do acaso, mas respeita rigidamente uma hierarquia universal de conceitos sintático-semânticos, conforme proposto dentro do quadro da Nanossintaxe. Logo, se retomarmos a Tabela 2, por exemplo, em que Avelar (2017) apresenta o *continuum* gramatical das diferentes estratégias que as variedades do português²⁰ usam para lexicalizar eventos direcionais, podemos agora complementá-la com hipóteses sobre a estrutura funcional-conceitual associada às preposições de cada variedade:

Preposições na posição de complemento de verbos direcionais de movimento:			
PORTUGUÊS EUROPEU	PORTUGUÊS BRASILEIRO	PORTUGUÊS AFRO-BRASILEIRO	PORTUGUÊS AFRO-BRASILEIRO HELVÉCIA
V _{DIR} a SN V _{DIR} para SN	V _{DIR} a SN V _{DIR} para SN V _{DIR} em SN	V _{DIR} para SN V _{DIR} em SN	V _{DIR} para SN V _{DIR} em SN V _{DIR} SN
a : [Dat[Gen[Loc]]] para : [Alvo[Dat[Gen[Loc]]]]	a : [Dat[Gen[Loc]]] para : [Alvo[Dat[Gen[Loc]]] em: [Loc]	para : [Alvo[Dat[Gen[Loc]]] em: [Loc]	para : [Alvo[Dat[Gen[Loc]]] em: [Loc[Acc2[Acc1[Nom]]]] +verbos codificando Loc

Tabela 6: *Continuum* de estruturas nanossintáticas para as preposições do português

²⁰ Não foi possível propor a mesma análise para o espanhol, pois o trabalho de Avelar (2017) não conseguiu levantar dados descritivos suficientes das variedades americanas e africanas, para que o mesmo panorama fosse traçado com precisão. Como diversos autores já apontaram, as variedades não europeias do espanhol ainda carecem de uma descrição mais abrangente e minuciosa. Estamos empenhados nesta tarefa em relação ao espanhol paraguaio.

Com esse panorama em mente, ao voltarmos nosso olhar para os dados do portunhol apresentados no início deste texto, vamos constatar que, da mesma forma que as línguas portuguesa e espanhola em contato com outras línguas têm sua variação e mudança restringidas por uma f-seq universal, o portunhol que surge como resultado do contato entre o português e o espanhol, seja ele uma interlíngua, um *pidgin* ou um caso de mistura de códigos, apresenta as mesmas características:

- (38) Quem (...) deseje mais informações pode escrever ao número de whatsapp.
- (39) Yo dije para la señora.
- (40) Vamos en Ciudad del Este mañana?
- (41) O departamento fica entre na avenida Brasil e JK, tem perto lojas...
- (42) Para mais infos y encomendas, liga nós que a gente desenrola.

Tanto no portunhol de base portuguesa (39 e 40) ou espanhola (38, 41 e 42), podemos observar que todos os fenômenos descritos neste artigo se manifestam da mesma forma: em um uso mais padrão da preposição “a”, não esperado em contextos informais do PB (38); em uma troca entre “a” e “para” na marcação de Dativo (39); no uso de “em” como complemento locativo de um verbo de trajetória (40); em outro uso de “em” na posição de complemento de outra preposição (41); ou ainda no apagamento da preposição “para” em um contexto típico de Dativo (42).

Essa constatação nos leva a concluir que as interlínguas, *pidgins* ou misturas de códigos podem ser mais regulares do que abordagens anteriores nos fizeram crer. O que diferencia o tratamento exposto neste trabalho dos mais diversos trabalhos precedentes é que, neste quadro teórico, dispomos de ferramentas mais finas de análise que nos permitem observar com mais precisão os sutis movimentos que as formas e sentidos empreendem nesta constante dança entre a morfologia, a sintaxe e a semântica. Concluimos este breve ensaio animadas para continuar explorando a vereda nanossintática.

REFERÊNCIAS

- AVELAR, Juanito Ornelas de. Complementos direcionais em afro-variedades de português e espanhol. *Moderna språk*, v. 111, n. 2, p. 15-44, 2017.
- BASSO, Renato M.; FERREIRA, Thayse Letícia. Sobre a estrutura dos PPs locativos no português brasileiro: nome ou parte axial?. *DELTA. Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, v. 36, p. 1-31, 2020.
- CAHA, Pavel. *The nanosyntax of case*. Tese de Doutorado. 334 f. University of Tromsø, Tromsø. 2009.
- CAHA, Pavel. The German locative-directional alternation. *The Journal of Comparative Germanic Linguistics*, 2010, vol. 13, no 3, p. 179-223.
- ELIZAINCÍN, Adolfo. Las fronteras del español con el portugués en América. *Revista Internacional de lingüística iberoamericana*, vol. 2, no 2, p. 105-11, 2004.
- ELIZAINCÍN, Adolfo; BEHARES, Luis. Variabilidad morfosintáctica de los dialectos portugueses del Uruguay. *Boletín de filología*, v. 31, n. 1, 1981, p. 401-417.
- FÁBREGAS, Antonio. An Exhaustive Lexicalisation Account of Directional Complements. *Nordlyd*, v. 34, n. 2, Special issue on Space, Motion, and Result, p. 165-199. 2007.
- FÁBREGAS, Antonio. Differential object marking in Spanish: State of the art. *An International Journal of Hispanic Linguistics* 2, p.1-80, 2013.
- FARIAS, Jair Gomes de. Variação entre a, para e em no português brasileiro e no português europeu: algumas notas. *Letras de Hoje*. Porto Alegre. v. 41, nº 1, p. 213-234, 2006.
- FARIÑA, Rocio Esther González; RAMMÉ, Valdilena. Nanossintaxe do espanhol paraguaio: 'leísmo', objeto nulo e marcação diferencial de objeto. *Revista Lingüística*, vol. 15, no 3, p. 185-212.
- FERREIRA, Thayse Letícia. Investigando a construção de telicidade em PB. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, v. 62, p. 0-20, 2020.
- FERREIRA, Thayse Letícia; BASSO, Renato M.. Preposições de ALVO no português brasileiro: uma comparação entre 'para' e 'até'. *Revista Lingüística*, v. 15, pp. 43-68, 2019.
- FERREIRA, Thayse Letícia; RAMMÉ, Valdilena. O papel dos núcleos baixos na interpretação de causalidade em Português Brasileiro: algumas notas sobre decomposição de eventos, F-Seq e Nanossintaxe. *ALFA: Revista de Lingüística (UNESP. ONLINE)*, v. 63, pp. 421-452, 2019.
- FERREIRA, Thayse Letícia; BASSO, Renato M.. Sobre as preposições de trajetória do português brasileiro: tipologia e valor aspectual. *DIADORIM (Rio De Janeiro)*, v. 22, pp. 460-496, 2020.

GONÇALVES, Rita Margarida Gamito. Propriedades de subcategorização verbal no português de S. Tomé. Dissertação de Mestrado. Universidade de Lisboa. 2010. 151f. Disponível em: https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/4252/1/ulflo81191_tm.pdf Acesso em: 14 junho 2021.

GONÇALVES, Rita Margarida Gamito.. Mudança linguística e variação no português de São Tomé. *Actas do Colóquio Internacional São Tomé e Príncipe numa perspectiva interdisciplinar, diacrónica e sincrónica*, pp. 413-430, 2012.

HEREDIA, Cristina Eslava. La Alternancia De Las Preposiciones "En/A" En Verbos De Movimiento Que Denotan Penetración En El Español De México. *Nueva Revista de Filología Hispánica*, 2012, p. 425-446.

JACKENDOFF, Ray. *Semantics and Cognition*. Cambridge: The MIT Press, 1983.

JACKENDOFF, Ray. *Semantic Structures*. Cambridge: The MIT Press, 1990.

JACKENDOFF, Ray. *The architecture of the language faculty*. Cambridge: The MIT Press, 1997.

OLIVEIRA, Marilza. A preposição A no português moçambicano (Apresentação). *Congresso do GEL*, 2005.

PALACIOS, Azucena. La reorganización de las preposiciones locativas a, en y por en el español en contacto con guaraní. *Círculo de Lingüística Aplicada a la Comunicación*, 78, pp. 233-254, 2019.

PANTCHEVA, Marina. Directional expressions cross-linguistically: Nanosyntax and lexicalization. *Nordlyd v. 36, n.1, Special issue on Nanosyntax*, pp. 7–39, 2009.

PANTCHEVA, Marina. The syntactic structure of Locations, Goals, and Sources. *Linguistics*, vol. 48, no. 5, pp. 1043-1081, 2010.

PANTCHEVA, Marina. *Decomposing Path: The Nanosyntax of Directional Expressions*. Tese de Doutorado. 301 f. University of Tromsø, Tromsø, 2011.

RAMMÉ, Valdilena. *Mudança semântica no PB: reanálise restringida pela hierarquia funcional-conceitual universal*. Tese de Doutorado. 318f. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017a.

RAMMÉ, Valdilena. Revisitando a questão complemento vs. adjunto em verbos de movimento à luz da Nanossintaxe. *Caderno de Squibs*, vol. 31, pp. 31-46, 2017b.

RAMMÉ, Valdilena. Variação semântica e a noção de Hierarquia Funcional-Conceitual. *Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978)*, vol. 47, no 1, p. 181-195, 2018.

ROCQUET, Amélie. *Splitting objects: A nanosyntactic account of direct object marking*. Tese de Doutorado. 236f. Ghent University, Ghent, 2013.

ROMEU, Juan. *Cartografía mínima de las construcciones espaciales*. Tese de Doutorado. 359f. Universidad Complutense De Madrid, Madrid, 2014.

STARKE, Michal. Nanosyntax: a short primer to a new approach to language. *Nordlyd*, v. 36, n. 1, 2010, p. 1-16.

STARKE, Michal. *Towards an elegant solution to language variation: Variation reduces to the size of lexically stored trees*. Não publicado. 2011. Disponível em: <<http://ling.auf.net/lingbuzz/001183/current.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2021.

SVENONIUS, Peter. The Emergence of Axial Parts. *Nordlyd*. Tromsø University working papers on language & linguistics, v. 33, n. 1, pp. 49-77, 2006a.

SVENONIUS, Peter. *Case alternations in the Icelandic passive*. University of Tromsø, 2006b. Disponível em: <https://ling.auf.net/lingbuzz/000124/current.pdf> Acesso em: 14 jun. 2021.

SVENONIUS, Peter. Spatial P in English. In: CINQUE, Z.; RIZZI, L. (Eds.). *Mapping spatial PPs: The cartography of syntactic structures*, v. 6. 2010. p. 127-160.